



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO DA CÂMARA DOS DEPUTADOS – CEDI NÚCLEO DE HISTÓRIA ORAL		
EVENTO: Entrevista	Nº: ESP033/10	DATA: 29/09/2010
INÍCIO: 15h12min	TÉRMINO: 16h54min	DURAÇÃO: 01h42min
TEMPO DE GRAVAÇÃO: 01h42min	PÁGINAS: 28	QUARTOS: 21

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

ASTRÉA DE MORAES E CASTRO – Arquivologista aposentada da Câmara dos Deputados.

**SUMÁRIO:** Entrevista com a servidora aposentada Astréa de Moraes e Castro, concernente ao Projeto Memória do Servidor.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Débora Bithiah de Azevedo) - Projeto Memória do Servidor, entrevista com a servidora aposentada Astréa de Moraes e Castro, que foi chefe da Seção de Documentos Históricos do Arquivo da Câmara dos Deputados. Hoje é 29 de setembro de 2010, e a entrevista está sendo gravada na residência da Sra. Astréa.

A entrevista está começando às 15h12min.

São entrevistadores: Débora Bithiah de Azevedo, da Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados e do Núcleo de História Oral, e Vanderlei Batista dos Santos, da Coordenação de Arquivo. No apoio ao trabalho: Tarcísio Aparecido Higino de Carvalho, Coordenador do Núcleo de História Oral; José Henrique Freitas Gonçalves de Araújo, do Núcleo de História Oral, e Lígia Cristina Pinheiro da Silva, da Seção de Documentos Históricos.

**A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO** - Boa tarde.

Tudo bem? Vocês todos vão bem? Eu estou feliz na minha casa falando daquilo que mais adoro no mundo: os Arquivos.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Débora Bithiah de Azevedo) - Que ótimo. A senhora poderia iniciar a entrevista dizendo o seu nome, seu local de nascimento e falando um pouquinho sobre sua vida antes do ingresso na Câmara.



### **A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO -**

Meu nome é Astréa de Moraes e Castro. Meu nome de nascimento é Astréa Séllos Monteiro de Carvalho. Nasci em Manhuaçu, Estado de Minas Gerais, em 21 de abril de 1925.

Fui para o Rio de Janeiro onde fiz 5 anos de idade e lá fiquei. Fui criada e educada no Rio desde esta época até meu casamento em 1951. Cursei a Escola Pública Deodoro até o 4º ano primário. O 5º ano primário até o colegial, eu fiz no Colégio Notre Dame de Sion, em Cosme Velho- Rio de Janeiro .

Meu pai era médico, Dr. Demerval Monteiro de Carvalho e minha mãe Zilda Séllos Monteiro de Carvalho, professora diplomada pelo curso normal de Barbacena Os dois se dedicaram muito à minha educação e cultura, pois eu era filha única. Gostava muito de ler e meus pais me proporcionaram todos os livros de literatura brasileira e portuguesa que me interessavam e desde aí iniciei meus estudos em inglês. Meu pai era um grande orador que cultuava as letras, a história, a geografia, a política nacional, a medicina. Era um grande clínico. Com dezessete anos, minha Tia Zazi Monteiro de Carvalho, conselheira no Itamaraty, me chamou durante as férias para ajudá-la na realização da consultoria do Arquivo, pois ela foi uma das primeiras classificadoras da documentação do Ministério. A consultoria foi para organizar os papéis da Academia de Letras. Fiquei apaixonada pelo Arquivo e sua organização desde essa experiência. Minha família era proprietária de uma farmácia na Rua do Catete. Procurei aplicar um pouco do que havia aprendido e organizei a correspondência, recibos, notas fiscais de todos os fornecedores da farmácia. Nessa época, a polícia foi chamada pra fiscalizar as farmácias. Muitos dos funcionários da polícia fizeram um elogio, dizendo que a minha farmácia era a mais bem organizada do Rio. Fiquei muito orgulhosa. Aos dezessete anos, conheci Mauro Cunha Campos de Moraes e Castro, com o qual me casei aos vinte e quatro anos. Nesse espaço de tempo ajudei o Mauro, escritor e poeta, a publicar seu primeiro livro, *Páginas da Vida*, em cujo prefácio há uma dedicatória a mim, já a essa época, era sua noiva. Casamo-nos em 1951. Em 1960, mudávamos para Brasília. Prestei o concurso da Câmara dos Deputados, no advento da nossa célebre e competente Dona Nayde.



O Mauro já era funcionário do Senado Federal e foi incumbido de instalar o Senado em Brasília e, pouco tempo depois, foi escolhido para substituir Dr. Isaac Brown, secretário da Mesa, em suas ausências. Foi esta a razão pela qual fomos obrigados a nos transferir para Brasília. Ingressei na Câmara dos Deputados em 1960, no mesmo ano da nossa transferência do Rio para Brasília. A Câmara e o Senado começaram a funcionar. Fui designada para trabalhar na Seção de Expediente, onde permaneci até fazer o concurso em 1965: até essa data, não surgiu nenhum Arquivo para organizar e o trabalho era burocrático. Em seguida, fui lotada na Sinopse que se constituía em um sistema sistemático de Arquivo. Quando me deparei com este serviço, fiquei encantada e notei, logo, as falhas Arquivísticas que existiam e que dificultavam a acessibilidade à informação. Pedi, de imediato, um estágio no Arquivo do Ministério das Relações Exteriores do Rio de Janeiro, primeiro Arquivo organizado cientificamente no Brasil e no Arquivo Nacional. Aproveitei bastante nesse estágio e voltei já com um projeto pronto para ser implantado na Sinopse. Ao apresentá-lo, o Diretor-Geral autorizou a pô-lo em prática. Resumindo minha passagem pela Sinopse, tenho a dizer que o projeto se realizou e foi um sucesso. Data daí o início dos meus estudos sobre Arquivologia.

Enquanto a tecnologia não progredia, as fichas coloridas não eram abandonadas. As fichas coloridas iam de acordo com o tipo da proposição, permanecendo e sendo utilizadas mesmo depois de chegarem os computadores, os mesmos eram desligados, mas os pedidos de informação continuavam e os deputados tinham que ser atendidos e as fichinhas continuavam suas tarefas a tempo e à hora.. Em seguida à implantação e treinamento de pessoal, fui designada pelo Deputado José Bonifácio para o Arquivo. Aquela época, Arquivo ou era punição, a pessoa punida ia para o Arquivo ou servia para o pessoal que já estava cansado e queria descansar. Fiquei apavorada e, simplesmente, não obedeci. Não fui para o Arquivo nesta época, eu fiquei alerta, procurando acompanhar a trajetória dos diretores que eram designados para o Arquivo. Um dia, soube que um funcionário da casa, bastante conhecido havia feito o pedido para dirigir o Arquivo. Tinha uma chance, lá fui eu então para o Arquivo. Na minha primeira entrevista, perguntei onde estava o acervo. O Diretor respondeu que estava nos banheiros feminino e masculino, no 19º andar. Entretanto, já havia providenciado mesa e



cadeira no 17º andar, onde ele e sua equipe estavam instalados mas eu-retruquei: Não é no 19º andar que está o acervo?” *Então, é lá que devo ir para organizá-lo. Por favor, queira providenciar essa mesa e a cadeira no 19º andar*”. Providenciei uniforme fechado para cobrir minha roupa, porque a poeira não era pouca. Muito tempo depois verifiquei que tínhamos documentos de 1789. Mais tarde, soube que era o mais antigo. Tudo amarrado ou solto e um em cima do outro, eu tenho fotografia disso. O meu lugarzinho era um cubículo que tinha até um buraco — tenho a fotografia e você viu — no teto. Porque, naturalmente, era teto de gesso... E os acervos, nos banheiros. Vocês viram a dificuldade. Então, olhei o que havia no cubículo. O Arquivista tem de ser muito objetivo, senão os documentos o envolvemEle tem de ter muita noção da organização toda. O que eu fiz? Comecei com o cubículo e lá havia uma porção de estantes. E eram estantes de madeira. Embaixo, tudo vazio. Lá em cima havia uns volumes enormes. Porque á época encadernavam tudo. O costume era encadernar. Então, era ofício encadernado, correspondência... Também graças a Deus! Devido a isso é que nós podemos contar a história. Por quê? Porque foi do Palácio Tiradentes, no Rio de Janeiro, que veio o Arquivo para Brasília. E eu soube por um funcionário da Casa que eles sentavam na beirada da garagem e ó..., rasgavam tudo que vinha à mão deles. Saía do caminhão e havia uma série de pessoas, todas para rasgar. Eu, no entanto dizia: *“O que mais? Pode contar. Estou aqui para escutar”*. Era, no entanto um sofrimento para mim. Mas o que parecia livro, não se mecheu. Benditos os encadernados em que havia ofícios e alguma correspondência. Se não, a parte administrativa toda estaria perdida.

A SRA. ENTREVISTADORA (Débora Bithiah de Azevedo) - Esse episódio foi na transferência do Arquivo do Rio de Janeiro para Brasília, não é?

A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO – Sim, foi um desastre.

A SRA. ENTREVISTADORA (Débora Bithiah de Azevedo) - Ninguém tem dimensão do que foi perdido?

A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO - Como?

A SRA. ENTREVISTADORA (Débora Bithiah de Azevedo) - Alguém tem dimensão do que foi perdido nessa mudança?



A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO - Não, ninguém tem, porque essa história só eu sei. Tenho muito amor por àqueles documentos. Até hoje, digo: “*Os meus documentos...*” Parece que eles são meus. (*Risos.*) Já me ofereci aos diretores para ir lá explicar e aos Arquivistas como elaborei o último inventário. Para que possam continuar. Porque conhecia bem o Regimento da Casa e elaborei um inventário interessante. Bastante interessante, dentro da ciência.

Então, nesse cubículo havia encadernados. Numa ocasião... Subia numa cadeira que tinha rodízio. Para pegar os “encadernados”, quando tirava os “livros”, era muito perigoso. O Dr. Tanuri, por acaso, subiu um dia e me viu naquela situação: Dona Astréa, a senhora leva um tombo daí e vai ser uma coisa feia! A senhora faça o favor de descer já. Vou “providenciar uma escada”. Daí, eu fui arrumando direitinho, agora sem subir na cadeira... O pior é que, na hora em que eu pegava esses documentos... Além de serem pesado, tinha que me equilibrar no rodízio e a poeira vinha toda em cima de mim. Comia poeira até cansar! Parecem que não limpavam. Além da viagem toda, o acervo era antigo.

A SRA ENTREVISTADORA (Débora Bithiah de Azevedo) - A documentação que veio do Rio não tinha nenhum tipo de inventário?

A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO – Não, nada. Acervos dos banheiros em ordem de anos no chão em toda a extensão do 19º andar. Descrevi o acervo, administrativo,(encadernados) e passei a retirar os amarrados dos banheiros.Eu estava num cubículo. O resto do andar era do Orçamento e a Diretora do Orçamento era a Dra. Atyr de Azevedo Lucci. Advogada,grande amiga. Deparei-me com vários documentos de muito valor sendo que um deles, com a assinatura de *D. Maria, a Louca*, assim chamada no Brasil. Em Portugal não falam *D. Maria, a Louca*, mas *D. Maria, a Piedosa*.Até hoje, estamos sem saber se foi assinado ou se era um carimbo, porque ela já estava com problemas mentais sérios. Encontrei também um documento de Luís de Vasconcelos, de 1789. Atyr Lucci e a Maria Dulce Lazary Guedes, do Orçamento, naturalmente, mediante a designação do Deputado José Bonifácio e do Diretor-Geral, resolveram sair do resto do andar para dar lugar ao Arquivo, no 19º andar Foi a maior maravilha para mim o dia em que chegaram as estantes. Vou relatar essa experiência. Foi uma grande sensação. Foi a experiência mais interessante que eu já tive em minha vida. Assim que chegaram



as estantes, comecei a organizar. A primeira parte dos "encadernados". Estes eu já havia descrito em estilo de inventário. Tomei os "amarrados" do chão para colocá-los nas estantes em ordem de ano. Quem iria procurar documentos no Arquivo, durante minha organização? O Deputado José Bonifácio. Ele tinha paixão por História. Ajoelhava no chão, pois não havia ainda acessibilidade alguma. Só havia o ano. Ele, então, combinou com a Diretora da Biblioteca, para eu fazer uma exposição. Fiz uma ressalva: O Arquivo não tem nada a ver com biblioteca! O Deputado respondeu: "Mas é o único lugar, D. Astréa. Nós vamos ficar só numa partezinha. Não vai misturar com o livro: "Está bem." Então, estou de acordo". Defendia a minha ciência até a raiz dos cabelos exposição. As bibliotecárias foram muito amáveis, muito delicadas. Tudo era interessante, porque era tudo inédito. Não sabíamos nem se eram os mais importantes, porque não conhecíamos nada do acervo, mas o que estava à mão levamos para expor. Fiz questão de botar um cartaz grande escrito: *Arquivo da Câmara dos Deputados (risos)* para não misturar com coisa alguma. O Deputado José Bonifácio só olhava, não sei o que ele achava. (*Riso.*) E foi um sucesso! Ninguém na Câmara sabia que existia esse Arquivo. Meu Deus do Céu! Uma experiência fantástica! Essa primeira exposição foi organizada assim. Muitos documentos, ainda estavam antes um pouco das estantes chegaram. Suscitaram muitos episódios. No chão vi um embrulho, com um laço que envolvia uma encadernação. Era Constituição de 1934 jogada no chão, desconhecida do resto do País! (*Riso.*) Os quatro exemplares. São quatro exemplares originais. Todos são igualmente autografados.

A SRA. ENTREVISTADORA (Débora Bithiah de Azevedo) - Sim.

A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO - Eu ia ao Rio sempre. Minha família estava toda no Rio. Fui ao Arquivo Nacional. Conversei, na época, com o Dr. Raul Lima, Diretor do Arquivo Nacional. Estamos de posse de uma Constituição que é sua e está lá no Arquivo da Câmara. "Qual?" "1934." São quatro: uma para o Judiciário, uma para a Câmara, outra para o Senado e outra para o Poder Executivo, que é o Arquivo Nacional que possui a guarda. Voltei de férias, fui trabalhar e de repente, me chamaram no 17º andar:.. *D. Astréa, D. Astréa! "O Presidente quer falar com a senhora!"* Foi um susto! No 17º todos ficaram em grande expectativa.



Tudo bem. Eu me lembro de que na porta, antes de entrar no gabinete, havia umas cadeiras onde estavam o Dr. Paulo Afonso, Secretário Geral, e o Dr. Luciano Brandão Alves de Souza, Diretor-Geral da Câmara. Disseram: “Venha cá, Astréa. Soubemos que você vai dar um Curso de Arquivo para as Bibliotecárias?” Como? De Arquivo para as bibliotecárias, por quê? Elas já têm o curso de Biblioteconomia e é um curso muito bom. O Brasil todo já conhece. Não sei nada a respeito. Se isso foi aventado, não me falaram nada. Entretanto vou lhes dizer: “se não for para pessoas que trabalham em Arquivo assistirem o curso, não devo dar.” E eu entrei na Presidência.

O presidente me interpelou: “Dona Astréa, eu soube que senhora foi ao Arquivo Nacional e disse que nós estamos guardando a Constituição de 1934, os quatro exemplares.” “Realmente, Senhor Presidente: estão aqui. O Diretor-Geral do Arquivo Nacional deve ter um exemplar”. E fui explicando. No final, tudo sobre as Constituições que eram consideradas perdidas. Deveriam ser enviadas aos seus destinatários. “Está bom, Dona Astréa.” Está bem. Dali a uns dias, o Dr. Raul Lima foi buscar a que lhe cabia. Lógico. E eu providenciei mandar ao Senado Federal, seu original. Tinha feito a minha obrigação e o meu dever de Arquivista.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Débora Bithiah de Azevedo) - Dona Astréa, a essa altura, a senhora já havia apresentado o relatório sobre a Sessão Histórica?

**A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO** - Com dois dias que eu estava no Arquivo, fiz esse relatório. Dois dias depois. Tenho aqui: “Cópia do relatório apresentado ao Senhor Diretor do Arquivo em 10 de novembro de 1965.” Foi quando eu fui para o Arquivo, eu trouxe aqui. É o início de tudo o que eu pretendia realizar. Sabia tudo o que deveria fazer. Já tinha lido e estudado sobre Arquivo, e continuei estudando e lendo publicações do Arquivo Nacional, dos maiores Arquivistas conhecidos e de vários países como: França, Estados Unidos, Canadá, Austrália, Itália, bem como as principais revistas, Archivum, Janus, Coma e outras.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Débora Bithiah de Azevedo) - Até quando mais ou menos o Arquivo permaneceu no Anexo I da Câmara? Quando ele ganhou um espaço próprio?

**A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO** - Enquanto permaneci no Arquivo da Câmara, ele permaneceu no 19º andar. Já tinha um espaço próprio.



Eram o Arquivo Histórico e o Arquivo Intermediário. Foi entregue a outro chefe Arquivos Intermediários porque saíam dos diversos lugares, diversos núcleos de Arquivo Corrente e iam para o Arquivo Central. Os Arquivos da Câmara e do Senado, assim como esses dois Arquivos Legislativos e o dos Ministérios Militares, não são obrigados a recolher ao Arquivo Nacional. Então, temos que guardar o Intermediário e o Permanente e/ou Histórico. Acontece que ninguém mais recolhe. O Poder Executivo não mais pode enviar, pois o Arquivo Nacional no Rio, está repleto. Nos Órgãos, então, institui-se o Arquivo Central. Assim o que foi perguntado está respondido. O Arquivo Intermediário ficou no 17º andar, com outros chefes e eu fiquei no 19º com o Arquivo Histórico.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Débora Bithiah de Azevedo) - Dona Astréa, vamos fazer uma pausa agora, depois retomamos?

**A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO** - Estou de acordo.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Débora Bithiah de Azevedo) - Dona Astréa, como se deu a Reforma Administrativa de 1971, na Câmara, e, particularmente, como se deu essa concepção do Centro de Documentação e Informação e do Arquivo, com essa reforma de 1971?

**A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO** - Nessa data, talvez eu já tivesse até terminado — terminando o meu Inventário Preliminar. Nesse assunto, cabe ressaltar que o nome dessa funcionária exemplar que a Câmara teve, técnica em Administração, ela se chamava Iris Berlinck. Solicitou que eu fizesse as atribuições de cada Sessão do Arquivo de cada Departamento com ela. Mas, antes de colocarem a Iris, fizeram consulta á Fundação Getúlio Vargas. Tive muito contato com a Fundação Getúlio Vargas. Perguntavam-me o que era referente ao Arquivo.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Débora Bithiah de Azevedo) - Sobre a concepção da reforma administrativa?

**A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO** - A Fundação Getúlio Vargas foi incumbida de fazer a organização administrativa. Foi nessa ocasião, quando, conversando com eles, já estava colocando as atribuições e conversando com os funcionários da FGV. Trouxeram-me, do Rio, perguntas sobre o Arquivo. Recebi deles um documento-lembrete. “*Quem é que fez essa perguntas?*” “Funcionária do Arquivo ,” “*Marilena Leite Paes*”, explicaram. Respondi às perguntas. Pelas





perguntas que trouxeram, notei que era uma Arquivista competente. Comecei a me comunicar com ela, diretamente. Marilena trabalhava com Maria Lourdes Costa e Sousa. E que conheci a Lourdes desde os seis anos de idade. Tínhamos a mesma origem, portanto, a mesma escola. Quando viajei ao Rio fui visitá-la. Era ela colega do Itamaraty, da minha tia Zazi, era classificadora do Itamaraty.

Nesse intervalo, a Câmara promoveu um curso no Quitandinha, Petrópolis, só para Diretores. Fiquei entusiasmada para assistir ao Curso, mas a minha Diretora não concordou. Era difícil lidar com ela. Não tive dúvida, fui direto ao Diretor-Geral: *“Dr. Luciano, preciso ir a esse Curso”*. Sabia que os expositores da Fundação eram muito competentes. *“Então, você vai”*, disse ele. Fui com a Diretora do Orçamento e minha amiga. Assisti ao Curso e adorei. Foi assim essa modificação da administração da Câmara e chamaram a Íris para fazer realmente a modificação. Tiveram muita sorte e ao mesmo tempo boa inteligência no caso, porque uma pessoa de fora, uma Fundação, não pode conhecer o cerne do trabalho da Câmara. Poderia ser uma pessoa de dentro da Casa. Tínhamos funcionárias de grande valor. Essa era uma líder em matéria de Administração, trabalhamos juntas. Depois do trabalho (Resolução nº 20), tive contato com Iris, algum tempo depois, soube de seu falecimento. Fez falta á Câmara e a nós, suas colegas.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Débora Bithiah de Azevedo) - Mas Dona Astréa, na década de 1970, a senhora teve uma participação muito grande na criação da Associação dos Arquivistas Brasileiros...

**A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO** - Eu trabalhava na Câmara...

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Débora Bithiah de Azevedo) - ... e na criação dos cursos de Arquivologia. Eu gostaria que a senhora falasse um pouco sobre isso.

**A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO** - Pois não. Você sabe que nessa ocasião, que eu contei a vocês da minha visita ao Presidente, meus amigos estavam trabalhando no Rio. Foi neste período que conheci Esposel, José Pedro Esposel, que foi aluno do Arquivo Nacional, uma pessoa brilhante no mundo da Arquivística. Sei que, nesse momento, Esposel já estava trabalhando com Lourdes e com Marilena. Estavam organizando e instalaram a Associação dos Arquivistas Brasileiros, de que eu tomei parte. Fui colocada na primeira comissão criada. Sócia Fundadora Honorária e Presidente do Conselho Deliberativo da Associação.



Quando pude, voltei ao Rio e eu conversei com Esposel, Marilena e Lourdes. Já estavam preparando o 1º Congresso de Arquivologia. No Rio, ajudei na instalação do 1º Congresso. Foi nessa ocasião que saiu a notícia da aprovação do Curso Superior de Arquivo. Essa minha proposta foi levada ao Conselho Federal de Educação pelo Prof. Vicente Sobrinho Porto, então membro do Conselho, e muito nosso amigo. Relatou a matéria, atendendo assim à minha proposta. Como relator, fez um belo discurso Todos o aplaudiram de pé na Comissão de Curso Superior, no MEC. Foi um sucesso! Contou, nesse evento, a história de Goiás Velho. Goiás Velho cedeu lugar à Capital, Goiânia. Conheci o pessoal de Goiás Velho, que trabalhava numa dificuldade. Tinham estantes, com pedra para segurar os documentos. Assim faziam. Um dia precisaram levar todo o acervo para Goiânia, nova capital do Estado. Durante a viagem de transferência da documentação, começou a chover copiosamente e com aquelas estradas todas cheias de barro, de lama, o caminhão ficou atolado. Como conseguiram desatolar o caminhão? Simplesmente retiraram os documentos e, com eles desatolaram o caminhão. A história dos Arquivos é uma história triste. É por isso que amamos os Arquivos. O Prof. Vicente contou a história, conquistou o Conselho para a causa dos Arquivos. Era titular de Direito Romano, colocou-se muito junto dos Arquivistas. Leu muito sobre os Arquivos, para poder fazer uma boa defesa. Depois, deu a aula inaugural do primeiro curso de Arquivo de Esposel na Faculdade Federal Fluminense. Publiquei no último livro de minha autoria. É uma peça escrita com muito esmero e carinho. Foi assim a nossa luta nessa altura.

O Curso Superior de Arquivo aconteceu em 1972. Eu tinha acabado de perder o meu pai. Era uma semana de sua morte. Havia conseguido o Palácio Tiradentes para o 1º Congresso de Arquivo. Fiz um pequeno roteiro para dar a notícia, falei o mínimo possível.

É preciso lembrar o Palácio Tiradentes? É lindo, bem antigo, havia uma parte mais elevada em que estava quem dirigia a Mesa; abaixo ficou o Prof. Vicente; e mais abaixo ficamos eu e a Lourdes. Fui Sócia Fundadora da Associação de Pesquisa Histórica e Arquivística-APHA, criada e instalada pelo Dr. Raul Lima, Diretor do Arquivo Nacional. E foi neste dia, 20 de outubro de 1972, que eu dei a notícia da autorização do Curso Superior de Arquivo no Brasil!



**A SRA. ENTREVISTADORA** (Débora Bithiah de Azevedo) - Dona Astréa, até a aprovação pelo Ministério de Educação, como foi esse processo de criação do curso, de concepção do curso de Arquivologia? Quantas pessoas participaram desse processo.

**A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO** - Fiz sozinha tudo, porque as minhas colegas estavam no Rio. Fiz todo o programa, levei-o e o mostrei ao Prof. Vicente. Ele gostou muito. Por exemplo, coloquei no currículo mínimo latim, porque a nossa língua inteira saiu do latim. Coloquei mais umas disciplinas como Português Histórico e no Conselho, resolveram tirar. O Prof. Vicente também ficou muito desapontado. Ele, como titular da cadeira de Direito Romano, tinha grande admiração pelo latim também. Pelo menos aprovaram a paleografia, mas a sigilografia não. Está muito bom, porque ofereci o currículo mínimo e as diversas universidades estariam de acordo com a necessidade regional. E foi assim.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Débora Bithiah de Azevedo) - Dona Astréa, a senhora mencionou as suas amizades no Rio de Janeiro. Mas, em Brasília, como era a sua relação com os outros Arquivistas, tanto da Câmara quanto de outros órgãos?

**A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO** - Não havia Arquivista. Havia bibliotecários, historiadores, mas... Agora, a Lourdes era Arquivista, Marilena era Arquivista, Esposel era Arquivista.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Débora Bithiah de Azevedo) - Mas Dona Astréa, no corpo de funcionários que trabalhavam no Arquivo em outras áreas havia uma discussão?

**A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO** - Consegui o provisionamento para funcionários porque estavam no Arquivo. Eram colegas meus da época.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Débora Bithiah de Azevedo) - Sim. A senhora se lembra nesse período, no Arquivo, nos anos 70, quantas pessoas mais ou menos trabalhavam no Arquivo nessa época? Era pequeno o número?

**A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO** - Comigo, no Arquivo Histórico, quase ninguém. Eram duas: Maria Borges e Gracinda Assucena de Vasconcelos. Depois, a Diretoria ainda tirou a Gracinda, que era meu braço direito e eu fiquei sozinha. Não é que eu esteja contra funcionários de outras áreas, não. Sou muito



querida e tenho muitas amizades no meio bibliotecário, mas eu acho que a formação do bibliotecário atrapalhou o Arquivo, o primeiro problema é que são duas teses diferentes. Mas, falando sobre o perfil de cada uma, os Bibliotecários são muito minuciosos. O Arquivo não pode ser minucioso.

Conhecem a história do Gaudí, aquele grande arquiteto espanhol. Se ele tivesse na sua profissão a filosofia do Arquivo, teria acabado o seu trabalho. Não viu o conjunto da obra dele. Era uma igreja, uma catedral. Ele ficou só num pedaço. Trabalhou o artista fantástico, mas nunca chegou ao fim, porque é isso que ele devia ter: a noção geral do que tinha para fazer.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Débora Bithiah de Azevedo) - A noção do todo.

**A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO** - Uma das meninas estava vendo as minhas fotografias e disse: “Dona Astréa, a senhora enfrentou a avalanche dos documentos ?” Respondi: “Sim. Quanto mais documentos, mais caótica é sua situação, mas nós gostamos. Temos uma técnica especial para distribuir os grupos. Não demoramos muito, por exemplo, a enfrentar uma massa documental acumulada.” Nossos Arquivos, em geral, salvo honrosas exceções são massas acumuladas sem nenhuma organização.

**O SR. ENTREVISTADOR** (Vanderlei Batista dos Santos) - Dona Astréa, em 1975, foi criado um grupo de trabalho na Câmara para discutir e desenvolver o Sistema de Arquivo. A senhora fez parte, segundo nossas informações, da criação de um grupo para estudar o anteprojeto do Sistema de Arquivo da Câmara dos Deputados. Eu queria saber, primeiro, como foi isso e se, de alguma forma, teve algum impacto no Sistema de Arquivo Brasileiro, criado logo em seguida.

**A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO** - Sistema de Arquivo?

**O SR. ENTREVISTADOR** (Vanderlei Batista dos Santos) - Sim.

**A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO** - Não contribuí com esse grupo de trabalho por não concordar com a formação da equipe e também com a forma de condução dos trabalhos. Não concordei com os resultados. Acredito que não tenha tido nenhum impacto. Achei minucioso demais. Fiz parte do grupo de trabalho que criou o Sistema Nacional de Arquivo. Esse grupo era constituído por Arquivistas e membros da Associação dos Arquivistas Brasileiros (AAB) e Arquivo Nacional. Tanto que contribui com o do Senado agora. Está como eu sonhei para a Câmara. Por



isso que eu digo que na Câmara não consegui o que esta conquistando Andressa de Moraes e Castro, Arquivista, de renomada competência, autoridade Arquivística em nosso país e, atualmente Consultora do Senado Federal, implantando, com uma equipe de Arquivistas, o Sistema de Gestão de Documentos e Arquivo naquela Casa do Congresso. Está perfeito. Foi publicado. É como se fosse uma Constituição. A gente não pode entrar em detalhes. As outras leis é que completam e atualizam a Constituição. A dos Estados Unidos tem um arcabouço bom. Convido vocês e Funcionários do Arquivo da Câmara a conhecer o grande trabalho que está sendo realizado no Senado Federal.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Débora Bithiah de Azevedo) - Dona Astréa, focando no todo, o que a senhora levanta como a coisa mais significativa desse seu trabalho no Arquivo da Câmara?

**A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO** - Bom, eu fiz o inventário preliminar em dois anos. Se existe milagre, esse foi um. Trabalhei exaustivamente. Não tinha hora. Às vezes, eu chegava às 7 horas da manhã na Câmara. Vivia aquele trabalho. Quando estava terminando, encontrei o Dr. Luciano — essa tristeza eu tenho e disse: “Dentro de poucos dias, vou levar para o senhor o inventário preliminar do acervo da Câmara.” Ele respondeu: “Nós precisamos publicá-lo. Vamos publicá-lo.” Nunca publicou. Mas eu o fiz. O produto está lá. Ninguém pode negar. Eu já havia feito 40 anos de inventário definitivo. Foi um projeto muito avançado e muito atrevido, vamos dizer assim. O segundo inventário não foi brincadeira. Como eu trabalhei sempre na Câmara, conhecia a Câmara de muitos anos. Lia os documentos antigos. Se vocês estudarem bem os princípios arquivísticos, verão que há uma parte que diz que se deve escolher o Arquivista que tiver feito mais quantidade de inventários, aquele com mais prática no órgão. E foi o que me aconteceu. Ninguém fez, porque não havia Arquivista na Câmara, mas eu fiz.

Pensei que eu ia ficar muitos anos mais. Esse problema de mal-estar da Diretoria comigo levou-me à aposentadoria, depois de ter conseguido empreitadas importantes. Fui representante brasileira durante dois anos e depois eles me reelegeram mais dois anos. Sou membro até hoje da Associação Latino-Americana, trabalhei com eles, como representante brasileira no Comitê de Acessibilidade do



Congresso Internacional de Arquivos Fui representante brasileira durante dois anos e depois eles me reelegeram mais dois anos. Sou membro até hoje da Associação Latino-Americana, trabalhei com eles, como representante brasileira no Comitê de Acessibilidade do Congresso Internacional de Arquivos. Trabalhei muito, dei a minha vida praticamente.

Fui a todos os congressos internacionais durante a minha estada na Câmara e depois também que sai em 1982. O último que eu fui foi esse de Viena. Agora, o de Kuala Lumpur, não fui, já havia perdido o meu Marido. Há pouco recebi o 'Coma' com todo o conteúdo do Congresso. Quer dizer, tenho material o suficiente para ler de manhã e a noite. Falando sobre Arquivo, tenho uma biblioteca razoável.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Débora Bithiah de Azevedo) - Dona Astréa, vamos fazer um intervalo agora.

**A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO** - Pois não.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Débora Bithiah de Azevedo) - Vamos voltar a gravar, então?

**A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO** - Podemos.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Débora Bithiah de Azevedo) - A senhora quer começar pela questão dessa rixa ou de Brasília? Vamos para Brasília primeiro. Dona Astréa, a senhora chegou com o seu marido em 1960. Então, é uma pioneira na cidade também. Eu gostaria que a senhora falasse sobre os primeiros anos em Brasília, a relação entre as pessoas, sobre lazer, comércio. Como foram esses primeiros anos de Brasília?

**A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO** - O meu início em Brasília foi realmente em 1965 e o Senado promoveu uma visita antes. Eu, como sou muito entusiasmada, muito vibrante com o que vejo, cheguei ao Rio. Papai e Mamãe eram minha plateia: Vocês não sabem como é Brasília! Brasília é uma beleza! Tudo foi previsto! Fiquei entusiasmadíssima! Expressei-me em duas bolas, grandes assim, de abajur, que eu pintei. Eu, lá de cima, olhava Brasília lá embaixo, e quando cheguei em casa resolvi pintar o que via lá de cima, voando sobre Brasília. Mas meu pai ficou desolado, porque eu sou filha única; os três netinhos dele eram os únicos que ele tinha. Minha mãe era muito rigorosa; sempre dizia: "Onde o marido põe um pé, a mulher põe o outro".



Agora fui à Espanha e trouxe uma quantidade de livros, um mundo de livros.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Débora Bithiah de Azevedo) - Depois desse primeiro impacto positivo de Brasília, como era o dia a dia da cidade, no início?

**A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO** - Ah, o dia a dia, esse aí foi duro. Vou contar até como foi o primeiro dia: eu vim tão cansada, tão esgotada porque tive de fazer a mudança da mobília inteira, da vida inteira, com os três filhos e o marido. Nós escolhemos um apartamento horrível, porque nós não tínhamos muita noção do que era bom e do que não era bom. Era horrível, aquilo! A casa ficava gelada e eu não estava acostumada com o frio. À época fazia muito frio em Brasília. O frio era tanto que eu colocava a roupa que eu usava na Europa. Meu filho — era o último — tinha quatro anos, e eu coloquei-o para dormir dentro do *closet*. Era um *closet* fechadinho. Ele tinha que dormir ali, porque o trator passava sob a nossa janela a noite inteira. Fechávamos todas as portas todas, as janelas, e dormíamos no corredor! Era o jeito de conseguirmos dormir. E era dia e noite, essa foi a minha estreia em Brasília.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Débora Bithiah de Azevedo) - (*Risos.*) E depois, a senhora trabalhando na Câmara, como era a relação com os outros funcionários que vieram, que estavam na mesma situação, com a dificuldade para comprar, para tudo?

**A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO** – Isto é, nós não nos conhecíamos. Fiz os primeiros amigos na Câmara, um tempo depois. Conheci Maria de Lourdes Pereira Alves. Fizemos o concurso juntas. Ela foi trabalhar no lugar em que eu estava que era a Sinopse. Quando sai da Sinopse para ir para o Arquivo, ela ficou na Sinopse. Por isto ela não pegou o “micróbio”- porque dizem que eu tenho um “micróbio” que transmito ao falar de Arquivos. Quando falo em Arquivo, qualquer um se transforma num entusiasta de Arquivo. Ela não pegou o “micróbio”, porque ficou na Sinopse e eu fui para o Arquivo.

E assim foi. O dia a dia era difícil. Não posso dizer que era fácil. Mas eu trouxe uma empregada muito boa do Rio, porque a vida era meio pesada. Nós não tínhamos onde comprar o material para alimentação. Havia uma poeira horrorosa e eu me habituei a conviver com ela. Na primeira vez que meu pai e minha mãe vieram visitar-me, ficaram horrorizados. Pedi à mãe que comprasse um sapato



muito elegante. Quando ela chegou e viu Brasília, me disse: “É aqui que você vai usar esses sapatos?” Mas era assim, muito engraçado, porque era aquela poeira em que a gente enfiava o pé. Quando se chegava ao Congresso, na hora de saltar do carro, começava o tapete da Câmara e do Senado. Para “tapear o burguês”, para a pessoa se sentir ou pensar que está no Rio de Janeiro. Era muito engraçado, o pessoal na última moda. E foi assim. Uma vez por mês nós íamos a Cidade Livre, como a gente chamava o Núcleo Bandeirante de hoje. Lá foi o primeiro lugar onde a gente pode comprar o necessário. Depois foram surgindo umas lojinhas na W3, fui me adaptando. Dizem que o bem do homem é se adaptar. É uma questão de inteligência. Então, sou inteligente, porque me adaptei.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Débora Bithiah de Azevedo) - E nessa época quais eram as atividades de lazer existentes? Como é que as crianças se divertiam aqui em Brasília, na poeira mesmo?

**A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO** - Ah, era na poeira

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Débora Bithiah de Azevedo) – Eu cheguei em 1972, a primeira vez. Ainda peguei um pouco da poeira. D. Astréa, então, sobre Brasília, seria isso que a senhora teria a observar, não é?

**A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO** Bem, sobre o pioneirismo em Brasília, é só isso. Já comecei na Câmara e em 1965 ,fui designada para o Arquivo, depois Sinopse.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Débora Bithiah de Azevedo) - D. Astréa, então, sobre Brasília, seria isso que a senhora teria a observar, não é?

**A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO** - O Curso de Arquivologia ia fazer-me falta na Câmara, mas não o fiz. Não fiz porque eu é que dava as aulas! Como é que eu ia dar aula para mim? Fiz o curso de Direito.

É interessante que eu relate a minha atuação na Arquivologia, pois tudo foi realizado no Arquivo Histórico da Câmara e por causa dele, desde 1965 até 1982.

Recordando: Em 1972, no 1º Congresso de Arquivistas Brasileiros, no Rio, ao lado de Lourdes Costa e Silva e do Prof. Vicente Sobriño Porto dei a notícia em público. Havia conseguido a autorização do Curso Superior de Arquivo para as Universidades Brasileiras. O Prof. Vicente, acima citado foi o relator da matéria no





Conselho Federal de Educação. O parecer do Relator foi unanimemente aplaudido de pé.

Posteriormente (um ano depois) conseguimos o currículo mínimo, baseado no currículo que havia apresentado. Agora, contando com as opiniões de Arquivistas da AAB.

Fui muito homenageada pela Associação. Ganhei premio muito significativo.

Voltando a Câmara: O Arquivo Histórico da Câmara dos Deputados atingiu seu nível de desenvolvimento e organização mais elevado depois da reforma que sofreu na administração Pereira Lopes, em 1971.

Um milhão de documentos já se encontram no Arquivo devidamente catalogados, inventariados e classificados, permitindo aos estudiosos uma consulta fácil e rápida. O volume de petições ali existente foi apreciado por um pesquisador, Frank Colson, da Universidade de Princeton, como um acervo “de inestimável riqueza”.

O Arquivo foi inaugurado com a Ata da Primeira Sessão Preparatória da Assembleia Geral Constituinte e Legislativa do Império, realizada em 17 de abril de 1823. A partir daí, novos documentos foram sendo incorporados, entre os quais a Carta-Patente de Dona Maria I, a Louca, datada de 1786, além de outras ainda mais antigas, de 1782, assinadas pelo Vice-Rei D. Luiz de Vasconcelos e Sousa, que são considerados os mais velhos pergaminhos de todo o acervo do Arquivo. Entre outras antas preciosidades, estão ali os originais das Constituições de 1891 e de 1934, o trabalho completo da Constituinte para a elaboração constitucional de 1891.

Acesso ao público – Além dos parlamentares, grande número de pesquisadores, economista, sociólogos, jornalistas, historiadores, cientistas e estudantes encontram no Arquivo um manancial de informações importantes para seus estudos.

OUTRAS ATIVIDADES E INFORMAÇÕES – a Chefe do Arquivo Histórico Câmara dos Deputados, esteve em entrevista com o senhor Ministro do Trabalho, para solicitar a regulamentação da carreira de Arquivista e técnico de Arquivo. Em uma segunda entrevista, desta vez acompanhada dos professores José Pedro Esposel, Marilena Leite Paes, José Lázaro e Sr. Benedicto Silva, para convidar o senhor Ministro a instalar o 3º Congresso Brasileiro de Arquivologia.



A chefe do Arquivo Histórico Câmara dos Deputados, esteve presente a uma audiência solicitada ao senhor Ministro da Educação para obter a autorização de funcionamento do Curso Superior de Arquivo na Associação de Ensino unificado do Distrito Federal (AEUDF). Em segunda audiência, para convidar o senhor Ministro para patrono do 3º Congresso Brasileiro de Arquivologia.

Fui Diretora e instalei o núcleo Regional de Brasília da Associação dos Arquivistas Brasileiros fundado em 7 de março de 1972.

Convidamos o Prof. José Van Den Besselaar, do Instituto dos Estudos Luso-Brasileiros da Universidade católica de Nijmegen (Holanda), para ministrar aulas em Seminário sobre Edição de Texto Histórico.

Dei inúmeros cursos de Arquivo, em Brasília e convidei vários professores.

A Lei 6.546/1978, e sua regulamentação pelo Decreto nº 82.590 de novembro de 1978 foram redigidos pelos colegas no Rio. Fiz contato em Brasília, com Amália Lucy, filha do Presidente Geisel. Esta ficou sensibilizada com o nosso pedido e promoveu, junto ao Ministro do Trabalho, Arnaldo Prieto, a assinatura do Presidente, em cerimonia especial no Palácio do Planalto.

A Chefe do Arquivo Histórico Câmara dos Deputados foi convidada para fazer parte e providenciar pessoas proeminentes em Arquivo para falarem na Comissão sobre Patrimônio Histórico Brasileiro. Convidei a Diretora do Arquivo Nacional, Celina do Amaral Peixoto e Prof. José Honório Rodrigues. Pronunciei palestra sobre o Arquivo na Europa e focalizei o Arquivo da Câmara. Temos foto da efeméride.

Fiz a comemoração da Semana Internacional de Arquivo em Brasília e fui convidada a abrir a Semana em Natal-Rio Grande do Norte.

Em Brasília (olhem as fotos), convidei o Ministro da Justiça Petrônio Portella, o ministro Hélio Beltrão, da Desburocratização, Ministro Eduardo Portella, da Educação, várias outras eminentes pessoas do Governo, que fizeram palestras durante o Seminário.

Foi, realmente, um evento muito importante. Teve lugar no Palácio da Justiça e foi iniciativa e recomendação do Conselho Internacional de Arquivos-CIA. Em todo o mundo, foram organizadas essa Semana.



**ENTREVISTADORA** (Débora Bithiah de Azevedo) - Mas, D. Astréa, a senhora, sendo apaixonada assim pelo Arquivo como a senhora é, afinal, o que levou à sua aposentadoria tão cedo, ainda em 1982?

**A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO** - Foi realmente uma rixa sobre o problema da Arquivologia como ciência pura. É por isso que eu fico nervosa quando eu vejo, nos cursos, Bibliotecários dando aula de Arquivo. Olhei em varias universidades, já são dezenove. Dezenove cursos superiores, nós já temos dezenove universidades! Não é brincadeira entretanto, não há Arquivista dando curso para Arquivista. Quero me introduzir na luta outra vez, pra conseguir promover um mestrado, para não ser preciso recorrer a ninguém, chamar outro profissional que não seja Arquivista.

Fiquei feliz de saber que Vanderlei dava aula. Mas quanto a outro Arquivista: o que é que você está fazendo hoje? “Ah, eu fazendo Ciência da Informação”. “Mas para quê?” “É que não existe mestrado” Porque dizer que Ciência da Informação é mestrado de Arquivologia... Se eles falarem duas vezes um pouco que seja sobre Arquivologia a gente dá graças a Deus. Não tolero ouvir esta notícia. Uma historiadora, lá de Santa Maria, não gostou do que eu disse. Só perguntei “Escute, eu estou fazendo um levantamento para saber, em todas as universidades, quantos Arquivistas dão aula de Arquivo”. Ela ficou no maior torpor. Acho que não havia nenhuma. Só havia Ana Regina Berwanger e o resto era bibliotecário ou historiógrafo. Ana Regina instalou um curso de Arquivologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e hoje ela leciona lá. Vocês bem podiam ajudar-me a ir ao MEC e promover mais esse campo de combate.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Débora Bithiah de Azevedo) - Mas a senhora está fugindo um pouco da pergunta. É sobre essa tradicional rixa entre bibliotecários e Arquivistas, que eu sei que teve impacto na sua aposentadoria.

**A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO** - Viram a quantidade de coisas que eu fiz para o Arquivo. Chegou um momento em que eu fiquei sozinha, porque a Diretoria me tirou as pessoas que me podiam ajudar, e eu tive de fazer tudo sozinha. No final, era só eu. Fiquei muito triste, porque não era brincadeira, era muito trabalho. E eu, com a minha determinação, me mantive firme. Foi neste ponto que notei a dificuldade, porque me doeu na pele. Foi por isso que eu lutei pelo



Curso, porque fiz tudo sem Arquivista! Nem outro qualquer funcionário. Foi uma peleja muito grande.

As Bibliotecárias tentando ainda provar que Arquivo é uma especialização da Biblioteca...**Sugiro que leiam sobre a *Ciência Pura dos Arquivos* de minha autoria que apresentei num Congresso Internacional, e foi publicada na revista ARCHIVUM**. Aguentei firme, trabalhei sozinha, até que um dia resolvi me aposentar. E chamaram-me, chamaram todos os funcionários do Arquivo para uma confraternização, perto do Natal, no Departamento de Documentação e Informação. O Diretor replicou“Está vendo como a nossa convivência tinha sido pequena? Porque senão não estaria acontecendo o que está acontecendo no Arquivo” . Respondi: “Vou aposentar-me porque eu sou uma Arquivista profissional, de uma ciência autônoma. Não admito a opinião de outras ciências. Só admito a opinião de Arquivista no meu trabalho. Arquivista competente. E eu produzindo, produzindo, produzindo, fazendo os inventários para a Câmara. **Promovi visitas importantes de Arquivistas nacionais e estrangeiros: Maria de Lourdes Costa e Sousa – trouxe, para o Brasil, a organização dos Arquivos – era classificadora do Itamaraty – 1º Ministério a ser organizado cientificamente – Assessora direta do Prof. José Honório Rodrigues enquanto Diretor do Arquivo Nacional. Deixou dedicatória em livro de homenagens no Arquivo da Câmara, elogiando meu trabalho.**

**M. Michel Duchein- “ex.Inspecteur Général des Archives de France”.**

**Frank Evans – renomado Arquivista americano da Society of American Archivist,**

**Salvatore Carbone – do Arquivo Nacional Italiano,**

**Ivan Cloulas – Arquivista francês,**

**José Van Den Besselaar – Arquivista Holandês.**

Depois de fazer o Inventário Preliminar inteiro e indexado, o Inventário de quarenta anos (2º Inventário), sozinha, sempre sozinha, pois Maria Borges ficava encarregada de fazer apenas o arranjo nas caixas. Resolvi me aposentar. Não podia haver mais comunicação com a diretoria.

Ao final desta entrevista, devo apresentar meus livros publicados e uma Mensagem.



**Livros publicados:**

**Arquivo no Brasil e na Europa – Edição Arquivo Nacional 1967 (depois de estágios em vários países como: Portugal, França, Inglaterra, Itália, Espanha, Suíça, Vaticano).**

**.Arquivística =Técnica-Arquivologia=Ciência**

**1ª e 2ª edição. Preparando a 3ª edição atualizada**

**Autoras: Ástrea de Moraes e Castro, Danuza de Moraes e Castro Gasparian e Andresa de Moraes e Castro.**

**Arquivos Físicos e Digitais – Autoras – As mesmas acima citadas. Este, está sendo colocado na internet, para uso virtual.**

**Outros livros e Curso on-line.**

**Mensagem:**

*“Considerando que o Arquivo de uma Nação é seu patrimônio que relata a história do passado;*

*Considerando que o Arquivo cresce com a Nação, acompanha seu passos, seu dia a dia, criando história nos documentos que nascem, que tramitam, que retratam a vida do cidadão, suas atividades, produtos do seu trabalho, de sua cultura, enfim, a informação original e verídica, aquela que não foi alterada ou deturpada;*

*Considerando que o Brasil, no concerto das nações, ainda dorme em berço esplêndido, sem ainda despertar para suas origens, levando ao conhecimento deste próprio Brasil e de outros que o leem, os problemas de providência imediata no sentido da salvação do documentário histórico brasileiro;*

*Considerando que a história pátria descrita nos livros é deturpada e interpretada ao sabor de ideologias as mais diversas, e que, portanto, ignoramos a verdade histórica brasileira, pois as fontes limpas dos originais não estão sendo conservadas e não recebem o cuidado que se lhes deve prestar;*



*Considerando que garagens onde se guardam os carros das repartições são muitas vezes os locais eleitos para depósitos de Arquivo;*

*Constata-se o caos em que vivem as administrações brasileiras, entulhando de papéis os seus arquivos, numa desorganização peculiar, o que as obriga a uma peregrinação de dias ou meses na busca de um dossiê, e achá-lo, por vezes, representa um milagre;*

*Torna-se necessário que no Brasil se prepare o Arquivista para enfrentar as massas acumuladas, pois só ele e nenhum outro profissional poderá fazê-lo;*

*Que se preparem Arquivistas que entrem nessas garagens e nesses depósitos e resgatem deles a nossa história abandonada;*

*Que um programa audacioso e competente reverta essa situação brasileira em todos os cantos deste País imenso, que já pesa nas consciências limpas de brasileiros como nós.*

*Lutemos por um projeto que leve este lema a todos os recantos deste País: "Não destrua seu documento antes de consultar o Arquivista; você pode estar mutilando a História do Brasil".*

*Prefeituras, Municípios, Estados, empresas públicas e privadas, esse será o trajeto a percorrer; os Arquivistas que saem das universidades que visitem os Ministérios e outras entidades e se informem onde estão seus depósitos de papéis.*

*Será uma empreitada árdua, mas com um objetivo nobre e patriótico!*

*No último livro nosso publicado, tratamos da massa documental acumulada. Há muita instrução para organizá-la, organização que seja a mais clara e objetiva. Só Arquivistas com formação universitária, isto é, com os estudos de Protocolo Informatizado, Arquivo Corrente, Intermediário e Permanente, informações por meio de computador, além de arquivos com vários suportes, poderão enfrentar tecnicamente os acervos acumulados, desbravando-os.*



*Como na época das bandeiras, que traziam o ouro a descoberto, os bandeirantes de hoje trazem para o Brasil a fonte limpa dos originais que jazem escondidos e abandonados no meio da poeira de anos, esperando a hora e a vez de contar a nossa história.*

*Acompanhemos o desbravamento. Daremos instruções, sempre que necessário.*

*Sabe-se que outros Arquivistas de mérito em nosso País escrevem sobre teorias arquivísticas, sobre assuntos filosóficos que envolvem a Arquivologia, sua entrada na Ciência da Informação. Queremos recrutá-los todos, no sentido de juntar forças e empregá-las para treinar Arquivistas recém-saídos das universidades, ensinando-os a desbravar a floresta virgem dos Arquivos.*

*Um projeto Rondon dos Arquivos? Sim, um ideal a perseguir. Bandeirantes a Caminho do Ouro!"*

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Débora Bithiah de Azevedo) - Muito bem! Fantástico, D. Astréa.

**A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO** - Essa é a moção que eu fiz para alertar os Arquivistas sobre o quanto nós temos que trabalhar

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Débora Bithiah de Azevedo) - D. Astréa, é muito bom ouvir a senhora. Nós já estamos encaminhando-nos para o final.

**A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO** - Sempre às ordens, no sentido dos Arquivos. Para falar neles dou todo o meu amor e minha atenção.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Débora Bithiah de Azevedo) - Sim. Eu, olhando as fotos que a senhora separou para gente, gostaria de perguntar: esse é o Arquivo no início, o Arquivo da Câmara? Não sei se é possível a TV pegar .. Acho que isso simboliza bem o Arquivo que D. Astréa encontrou e o Arquivo que ela deixou.

**A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO** - É. (Risos.) Hoje vocês conhecem o Arquivo, graças a Deus.

**A SRA. ENTREVISTADORA** (Débora Bithiah de Azevedo) - Muito obrigada, D. Astréa.

**A SRA. ASTRÉA DE MORAES E CASTRO** - De nada, às ordens, sempre à disposição.

